

São Tomé, Apóstolo

Tomé, apóstolo. 3 de julio (21 de diciembre)

Gr.: Didymos. Lat.: Geminus, Judas. It.: Tommaso Apostolo. Tomaso, Maso, Masaccio, Masolino. Cast. Arc.: Tomé. Fr.: Thomas. Ingl.: Thomas, Tom, Tommy. Al.: Thomas (der Zwilling, der Zweifler), Thoma

São Tomé natural da Galileia, pobre pescador e um dos apóstolos que o Senhor escolheu para pregar o Evangelho, em todo o mundo. Parece que entre os apóstolos foi dos mais considerados, visto que o seu nome aparece no cânon romano da missa, em 6º lugar, a seguir a S. João, apesar de na lista dos apóstolos, apresentada por S. Mateus, S. Marcos e S. Lucas, venha em 7º ou 8º lugar.

Este pescador da Galileia chamado por Jesus Cristo, cujo nome se traduziu por *Didymos*, (em grego) em aramaico, *gémeo*. Ignora-se, porém, de quem terá sido gémeo. Pode perguntar-se se a referida incredulidade pertinaz não seria, até certo ponto, a tradução do seu nome Didymos que comporta a ideia de «duplo» e, conseqüentemente, de «duvidar» (lat.: dubitare; al.: zweifeln). *Tomé* e *céptico* são, de certo modo, palavras sinónimas. Sem dúvida que se espalhou tal associação: acreditar ou duvidar como Tomé. A *Legenda Dourada* dá-nos os aspectos mais populares da novela da sua vida: a sua incredulidade e o seu apostolado na Índia. A sua incredulidade manifestou-se em duas ocasiões: duvidou da *Ressurreição de Cristo* que, para o convencer convidou a que lhe metesse um dedo na chaga do lado. E, depois, duvidaria da *Assunção da Virgem*, que, como Elias arrebatado ao céu, enquanto subia lhe lançou o cinturão como prova.

Mas o que dele refere o Evangelho, em primeiro lugar, é o facto de que, querendo Cristo Jesus regressar à Judeia para ressuscitar Lázaro, contra a vontade dos discípulos, advertindo-o que os Judeus tinham querido apedrejá-lo, Tomé, com grande ânimo, disse: *Vamos também e morramos com ele!* (Jo 11, 16). Sinal de grande dedicação e amor, pois que estava disposto a dar a vida pelo Mestre. Tais palavras não foram de homem que temia, mas de homem que amava; não de apreensão, mas de alento para os outros, nem de quem acreditava pouco, mas de quem confiava muito.

Depois disso, na noite da Ceia, o Senhor, entre outras coisas, disse que lhes ia preparar um lugar e que eles sabiam o caminho. Então, Tomé, tomado do desejo de saber e aproveitando o ensejo, disse: *Senhor, não sabemos para onde vais, como sabemos o caminho?* E, por esta pergunta, o Senhor respondeu uma sentença maravilhosa e suavíssima e de consolação para todos os fiéis: *eu sou o caminho, a verdade e a vida* (Jo 14, 1-6).

Pois como diz S. Cirilo: Cristo é caminho, ensinando-nos o que havemos de fazer; é verdade que com a luz da fé nos ilumina; e é a vida que nos santifica. E como diz o Papa S. Leão: é caminho de santa conversação, verdade de doutrina divina e vida de bem-aventurança sempiterna. E S. Bernardo: é caminho no exemplo, verdade na promessa e vida no prémio; é caminho dos que começam, verdade dos que aproveitam e vida dos perfeitos. E Santo Agostinho: é caminho segundo a humana natureza e segundo a divina natureza é verdade e vida.

Para além disso, no próprio dia da ressurreição, estando os outros apóstolos reunidos no cenáculo, o Senhor mostrou-lhes as suas chagas, levando-os a entender que era ele próprio, com quem tinham convivido e com quem tinham falado e agora ressuscitado. Mas Tomé esteve ausente. Não se conhece o motivo. Mas quando regressou e soube pelos apóstolos como Jesus lhes aparecera vivo, triunfante e glorioso, com os sinais das chagas resplandecentes e formosas, da Cruz. Tomé disse-lhes: *Se não vir nas suas mãos o sinal dos pregos, e não puser o meu dedo no lugar dos pregos, e não introduzir a minha mão no seu lado, não acreditarei!* (Cfr. Jo 20, 24-29)

Tais palavras foram interpretadas por alguns santos doutores benignamente. Santo Ambrósio diz que S. Tomé duvidou, não da Ressurreição de Cristo, mas do modo como tinha ressuscitado. E Santo Agostinho refere que S. Tomé disse estas palavras não por que duvidasse, mas para arrancar dos outros qualquer dúvida e incredulidade, pois que eram palavras de quem perguntava e não de quem negava. E se S. Cirilo Alexandrino, S. Gaudêncio e Metafrastes, por diversos motivos, as isentam, é porque não é

preciso acentuar tais interpretações, mas simplesmente confessar que Tomé duvidou e foi incrédulo como lhe disse Cristo, nosso Redentor: *Noli esse incredulus, sed fidelis* – não queiras ser incrédulo, mas crente (cf Jo, 20, 27). E o Senhor permitiu que caísse, para que não caíssemos nós? E que não acreditasse de imediato e tocasse as chagas com as suas mãos, a fim de confirmar a nossa fé e curar a infidelidade de muitos? Isso diz S. Gregório: Pensais que foi por acaso que Tomé, escolhido por Cristo, faltou, quando Cristo foi ter com os apóstolos? E que vindo, depois, ouviu e, tendo ouvido, duvidasse, e duvidando, apalpasse e, apalpando, acreditasse? Isto não foi por acaso, mas por Disposição divina! Porque a soberana clemência do Senhor traçou as coisas de maneira que, duvidando o discípulo, tocasse no seu mestre as chagas da carne, para em nós curar as chagas da incredulidade. Pois que mais nos aproveitou, para despertar a nossa fé, a infidelidade de Tomé ou a fé dos outros discípulos? Porque tendo recebido a fé ao tocar as chagas, os nossos corações se firmam na mesma fé e se desfazem todas as dúvidas que nos podem inquietar. E Santo Agostinho diz: Foi boa a ignorância que instruiu os ignorantes e ensinou os incrédulos! Que proveitosa foi aquela incredulidade que serviu a fé de todos os séculos! Mas se Tomé falhou e, durante pouco tempo, foi incrédulo, logo se levantou e recompensou aquela culpa, com uma perfeitíssima e excelentíssima confissão de fé. Porque o benigníssimo Salvador, como vigilante e amoroso Pastor, vendo aquela ovelha fora do caminho, a recolheu e conduziu ao seu rebanho. E, voltando oito dias depois a aparecer aos apóstolos, estando com eles, Tomé e, tendo-os saudado, voltou-se para ele e disse-lhe: *Põe aqui um dedo e olha as minhas mãos, estende a tua mão e toca o meu lado e não sejas incrédulo, mas fiel.*

Tomé ficou assombrado ao ver a doçura do seu Salvador e compreendeu que era Deus, aquele que o seu coração via. E, tendo estando ausente e sabido o que dissera, para obedecer, tocou as chagas daquele corpo sagrado e glorioso, aí resplandecentemente expostas. Porque, embora, para a sua fé, bastasse tê-las visto, como diz S. Leão, importava, para nós, que as tocasse com as suas mãos. E, trespassado de amor, atônito com a novidade e derretido de gozo, levantou a voz e disse: *Dominus meus et Deus meus* – meu Senhor e meu Deus (cf. Jo 20,28), confessando que aquele Senhor que fora crucificado e agora via ressuscitado, era o seu Senhor e o Senhor de toda a criação e, ao mesmo tempo, verdadeiro Deus, em tudo igual ao Pai.

E embora pareça que acreditou no que viu, todavia, como diz Santo Agostinho, uma coisa viu e outra acreditou: viu o homem e acreditou que era Deus. E, com a sua confissão, tocando as chagas, nos ensinou o que devemos acreditar e desfez todos os erros que, acerca da glória de Cristo, os hereges haveriam de inventar. Por isto, o que confessamos no artigo do Credo, acerca da ressurreição de Cristo, com aquelas palavras *Surrexit a mortuis*, Santo Agostinho e outros, atribuem-nas a S. Tomé.

Outra vez, no Evangelho, se faz menção de S. Tomé. Indo Pedro pescar, levou consigo alguns dos apóstolos e discípulos e, entre eles, S. Tomé. Andaram toda a noite a pescar, sem qualquer resultado. De manhã, apareceu-lhes o Salvador, na margem, dizendo-lhes para lançarem as redes para a direita do barco. Fizeram o que lhes disse e apanharam tanta quantidade de peixes e trouxeram-nos para terra, onde os aguardava o Filho de Deus. Nesse momento, deu a Pedro o Primado. É isto o que nos diz o Evangelho, acerca de S. Tomé (cfr. Jo 21, 2-23).

O apostolado de S. Tomé

Depois de ter recebido o Espírito Santo com os outros apóstolos e de ter pregado em Jerusalém e na Judeia, aquela doutrina celeste que aprendera do seu Mestre e Senhor, S. Tomé, afastando-se deles, foi por várias províncias e nações do mundo, a fim de as retirar da cegueira em que se encontravam e iluminá-las com a luz do Evangelho.

Primeiramente foi para Oriente, onde, segundo a lenda, se encontrou com os três Reis Magos que, daquela região, guiados por uma estrela, terão vindo a Belém prestar vassalagem e adorar o Deus menino recém-nascido. Baptizou-os e recebeu-os como colaboradores no seu trabalho e pregação. Como insinua S. João Crisóstomo, nas suas homilias sobre o evangelho de S. Mateus, a palavra divina cedo se expandira por toda a terra¹. E ainda Doroteu (de Tiro? 255-

¹ Que se tinha pregado o Evangelho por todas as partes, antes da destruição de Jerusalém, ouçamos o que diz S. Paulo: "Em toda a terra ressoou a sua voz" (Rom 10,18). E veja-se como veio de Jerusalém até Espanha. Portanto, se um só percorreu tanto espaço, julgue-se quanto percorreriam os demais. Pelo que escreve a alguns, diz-lhes acerca do Evangelho: "Que frutifica e cresce em toda criatura que habita debaixo do céu " (Col 1,6). Este sinal do poder de

362) e Sofrônio e um antigo Calendário confirmam tal tradição. E ainda, este glorioso apóstolo teria enviado Tadeu de Edessa (Addai?), um dos setenta e dois discípulos (?), a Abgar, rei de Edessa, a fim de que lhe fosse pregado Evangelho, como Cristo, nosso Redentor, lhe havia prometido por cartas – como refere Eusébio de Cesareia, na sua história e confirma Nicéforo Calixto. Também iluminou Medos, Persas, Hircanos (ao sul do mar Cáspio) e o Martirológio romano acrescenta os Brâmanes e muitas outras nações. E com os raios e esplendores da luz Evangélica atingiu a Índia, como diz o Martirológio romano e se conclui de Orígenes, Eusébio de Cesareia e S. Gregório de Nazianzo. S. João Crisóstomo acrescenta que Etiópes foram lavados e branqueados por este santo apóstolo, com a água do baptismo. E os Abissínios que são os povos da Etiópia, sujeitos ao Preste João, ainda hoje têm uma particular reverência e devoção a S. Tomé que foi o seu primeiro e próprio apóstolo.

Réau é extraordinariamente contundente, no que diz. Refere-se ao seu apostolado na Índia, como um conto das *mil e uma noites*, uma novela gnóstica rechaçada por Santo Agostinho. Tiago de Voragine, fala de um enviado do rei da Índia, Gondóforo, que o convidou, no fórum de Cesareia, a embarcar com ele para construir um palácio para o seu soberano. Cristo apareceu-lhe, animando-o a partir. Na primeira cidade da Índia onde o batel fez escala, celebrava-se o casamento da filha do rei. Convidado para o banquete, Tomé negou-se a comer qualquer prato. O mordomo, sentindo-se humilhado, esbofeteou-o. Mas o castigo não se fez esperar, pois que quando ia buscar água foi atacado por um leão e um cão levou a sua mão arrancada, ao salão do festim. Tomé dirigiu-se imediatamente para a capital de Gondóforo, que lhe pôs os seus tesouros à sua disposição para a construção do seu palácio. O apóstolo edificou um *palácio celeste*, distribuindo o dinheiro entre os pobres. Quando o rei regressou de uma grande viagem e se apercebeu dos factos, considerando abuso de confiança, mandou-o encarcerar. Mas depois perdoou-lhe, quando o seu irmão Gad, morto há pouco tempo, ressuscitou expressamente para lhe anunciar que, no Paraíso, tinha visto com seus próprios olhos o maravilhoso palácio construído para ele, com a caridade do seu arquitecto.

Mas Tomé, não se ficando por aí, persuadiu a rainha a negar-se ao dever conjugal. Desta vez o rei não lhe perdoou. Furioso, ordenou que fizessem padecer tal conselheiro da sua esposa, com uma série de suplícios. O apóstolo caminhou descalço sobre lâminas de ferro aquecidas ao rubro. Mas, de imediato, por sinal de Deus, brotou uma fonte da terra que arrefeceu o metal aquecido. Meteram-no num forno aceso que se apagou; forçaram-no a ajoelhar-se diante do ídolo do sol, mas a estátua derreteu-se como se fosse de cera... Para terminar, os sacerdotes pagãos o finaram com lanças.

Supôs-se que a fabulosa viagem à Índia se deveria a uma alteração do texto de santo Epifânio, onde se teria lido *India*, em vez de *Judaea*. A construção do palácio real no Paraíso tem todas as características de uma parábola concebida, segundo o estilo alegórico.

Muitas tradições serão fabulosas ou menos certas e prováveis. E o Papa Gelásio diz que são apócrifos os Actos de S. Tomé. E, antes de Gelásio, Santo Agostinho os teve como suspeitos. Outros escritos com o nome deste santo, intitulados *Circuitus, Actus Evangelium et Apocalipsis Thomae*, são reprovados por Sto. Atanásio, Epifânio, Papa Inocêncio, Cirilo e o Papa Gelásio. E, relativamente à vida de S. Tomé que foi escrita por Abdias Babilónico, a que alguns autores deram aval, pode ser que haja coisas verdadeiras, mas como não sabemos quais são e estão misturadas com falsas e reprovadas pela Igreja, é bom que nos guardemos delas, a fim de não misturarmos o incerto pelo certo e o falso pelo verdadeiro.

Não obstante, deve referir-se aqui o que na Índia, onde o santo apóstolo pregou, se tem comumente por certo da sua pregação, vida e morte, segundo o que escrevem os padres da Companhia de Jesus que andaram por aquelas terras, iluminando os gentios e reformando os cristãos, com o ofício de apóstolos do Senhor. Dizem eles que o apóstolo S. Tomé começou a pregar na Índia a partir da Ilha de Zocota e que aí fez alguns cristãos. E, daí, passou ao reino de Caranganor (Kodungallur, distrito de Kerala) que são malabares. E que, depois, passou as altas serras da Índia e aos reinos de Marsinga e se estabeleceu em Meliapor, por outro nome Calamina, junto ao golfo de Bengala ou Coromandel.² Nesta cidade se elevou uma igreja, por motivo de um milagre que fez, trazendo com toda

Jesus Cristo, é maior que tudo o que fizera no espaço de trinta anos. Porque, mal começava a pregação do Evangelho, já se tinha estendido por todos os confins da terra (Homilias sobre o Evangelho de S. Mateus, cap. XXIV).

² Nota Trad.: nomes do século XVIII.

a facilidade uma viga de imensa grandeza que um número incontável de homens e elefantes eram incapazes de transportar e que, nesta igreja, se pôs uma cruz de pedra, com este dizer: *Quando chegar o mar a esta pedra, por divina ordenação, virão homens brancos de terras muito remotas, pregar a doutrina que agora vos ensino e renovar a memória dessa doutrina.* Dizem mais: *quando os portugueses conquistaram aquela terra, já então o mar chegara àquela pedra, de que tiveram grande admiração e consolo os cristãos.* E acrescentam que tendo-se convertido o rei Sagam que, então, era Senhor daquela terra e outros muitos com ele, pela pregação do santo apóstolo. Por isso, os Brâmanes e Sacerdotes tiveram muito ódio e sanha contra ele e, com calúnias e embustes, não podendo derrubá-lo, intentaram matá-lo, pois que enquanto vivesse, nem eles, nem seus deuses seriam estimados como deviam. Então, um dia, estando o santo apóstolo numa cova, a meia légua da cidade, a fazer oração como de costume, diante de uma cruz esculpida numa pedra, arremetendo a ele, como lobos raivosos, ferindo-o com varas de pedras, um deles trespassou-o com uma lança, e ele caiu morto. Os seus discípulos tomaram o seu santo corpo e sepultaram-no na igreja que tinham edificado e nele puseram parte da lança com que tinha sido morto, o bastão que trazia e um vaso com terra que tinha sido regada com o seu sangue. Isto é o que foi escrito na Índia e o que os nativos escreveram nos seus anais e o que cantam pelas ruas os meninos malabares, na sua língua.

Inumeráveis foram os milagres que o santo apóstolo fez em vida e depois de morto. S. Gregório de Tours, no livro da glória dos mártires refere alguns e diz que em seu tempo a lâmpada que ardia, dia e noite, diante do seu sepulcro, não precisava que lhe acrescentassem azeite ou outro licor, pois que sem ele, ardia perpetuamente. E que, na feira que se fazia no dia da sua festa, concorrendo muitos mercadores a comprar e a vender as suas mercadorias, sendo árida e seca aquela terra, não havia mosca que afligisse e era grande a quantidade de água e sombra. E, como Deus enviava copiosa chuva para limpar as imundícies que se acumulavam da festa, passados trinta dias, regressava a falta de água e as moscas.

Marco Veneto que andou por aquelas partes da Índia, antes dos portugueses as descobrirem, escreve que na província de Malabar, em que está o reino de Calecute, havia uma raça que descendia dos que mataram S. Tomé e, que, por mais que se faça não é possível levá-los à igreja de Meliapor, onde está o corpo do santo apóstolo. E, alguns autores referem outra coisa mais notável e singular. No ano 1.120, sendo Calixto II, Sumo Pontífice, veio a Roma, por devoção, um Patriarca da Índia, chamado João que, em consistório público, disse ao Papa e Cardeais e prelados presentes que o glorioso apóstolo S. Tomé, cada ano aparecia visível e dava a comunhão, pelas próprias mãos ao seu povo, apresentando a sagrada hóstia aos dignos e recusando-a aos indignos. E pode ser, como referem vários autores, porque a Deus que é todo-poderoso e que honra os seus santos, nada é difícil e impossível.

CULTO

Mas fidedignos autores modernos, dignos de fé, afirmam que os restos mortais do apóstolo estão na cidade de Meliapor, onde foi martirizado e trazem tantas notícias e testemunhos certos, de que é difícil duvidar. Pois que, sendo rei de Portugal, D. João III, no ano 1523, escavando dentro de uma capela e rasgando o muro, debaixo de duas grandes pedras, encontrou o corpo do sagrado apóstolo e, junto dele, a lança com que o martirizaram e um bastão com que andava. E D. Duarte de Meneses, vice-rei, mandou edificar ali uma igreja e colocar, nela, numa arca de prata, o corpo do santo apóstolo, por cuja devoção vieram muitos portugueses povoar aquela cidade e, para honra do santo apóstolo, se chamou mais tarde cidade de S. Tomé. Isto refere João de Barros, diligente historiador português, na terceira Década da Ásia³. E o bispo Jerónimo Osório, varão doutíssimo, de grande autoridade, no fim do livro terceiro da História do Rei D. Manuel de Portugal, escreve que, no ano do Senhor de 1572, o bispo de Cochim, Índia, enviou ao infante D. Henrique (que depois foi rei de Portugal) uma informação autêntica, na qual se continha: que na cidade de Meliapor ou de S. Tomé, na igreja que por tradição se tem de ser o lugar onde foi martirizado e se mostra uma cruz cortada em pedra, com algumas manchas de sangue, uns remates, com flor-de-lis, e no meio uma pomba e, sobre ela, um arco com certas letras incógnitas, tudo de uma só pedra, toda a cidade se reúne com devoção para assistir à Missa que se diz com grande solenidade, em honra da Anunciação da Virgem, cada ano, no dia da sua Expectação, aos 18 de Dezembro, três dias antes da festa de S. Tomé. Sucedeu que no ano de Cristo de 1571, quando na Missa se proclamava o evangelho, vendo-o todos os que estavam presentes, a cruz começou a destilar

³ João de Barros, Décadas da Ásia, 1552

sangue pelas manchas que se disse que tinha, e foi com tão grande quantidade que o sacerdote que dizia a Missa, começou a limpar com os corporais o sangue, ficando estes banhados nele e a cruz adquiriu maior brilho que antes. Tudo isso causou grande admiração e devoção aos que ali estavam e todos louvaram a Deus.

E o mesmo aconteceu nos anos seguintes, no mesmo dia e à mesma hora. Leram aquelas letras incógnitas que referimos, dois brâmanes muito doutos entre os indianos, sem saber um do outro e confirmaram o que diziam: *Tomé, varão divino, enviado pelo Filho de Deus e discípulo seu, foi ter com os reis de Sagam, para levar a notícia do Deus verdadeiro, à gente que aí vivia e fez grandes maravilhas e, no fim, posto de joelhos sobre esta pedra, fazendo oração a Deus, foi morto por um brâmane, com uma lança.* Tudo isto foi confirmado pelo bispo Jerónimo Osório e pelos padres da Companhia de Jesus, como coisa certíssima. E estes padres afirmam que algumas vezes se deu este milagre da cruz quando rezavam a Missa, no dia da Expectação do parto de Nossa Senhora. E, coisa admirável, quando começa o Evangelho da Missa maior, e não antes, principia a santa cruz a mudar, pouco a pouco, a sua cor natural (que é o branco) para amarelo, depois negro e outra mais clara cor do céu, até que acabado o sacrifício da missa, regressa à sua cor natural. Mas o que é mais admirável e aumenta a devoção é que assim como vai mudando de cor, a santa cruz vai destilando pequenas gotas de sangue que pouco a pouco vai engrossando a ponto de cair em tal quantidade que os panos que a limpam ficam tingidos do próprio sangue. E, se em algum ano não se dá este milagre, tem-se como sinal de que algo anormal irá acontecer, como a experiência o tem mostrado. Por este tão grande milagre que nosso Senhor faz para glorificar o seu santo apóstolo, todos aqueles cristãos que lhe têm grande devoção, acorrem a visitar o seu sepulcro. E não somente os cristãos, mas também os sarracenos e gentios visitam aquela igreja e fazem a festa ao santo no primeiro dia de Julho. E, embora, não sigam, nem obedeçam à sua doutrina, têm por ele grande veneração.

O padre S. Francisco de Xavier⁴, um dos primeiros companheiros que teve o santo padre Inácio de Loiola, para fundar a Companhia de Jesus e o primeiro que veio para a Índia oriental e a esclareceu com a luz e os resplendores do Evangelho e com muitos e grandes milagres e converteu inumeráveis almas à Fé de Jesus Cristo, quando queria empreender algo grande a favor, ao serviço de Jesus e em benefício para aqueles povos, ia em romaria a visitar o corpo do santo apóstolo Tomé e ali permanecia dias e noites em oração, suplicando a nosso Senhor pelos merecimentos do seu apóstolo que a ele lhe desse parte do seu espírito, zelo e fervor, para renovar a fé do seu santo Nome, que o apóstolo havia plantado. E, rogando ao apóstolo que, já que o Senhor lhe havia encomendado aquela vinha da gentildade, a cultivasse pois que estava tão destroçada e deserta e que lhe alcançasse a graça para seguir as suas pisadas, imitar as suas virtudes e renová-la para benefício das almas e glória do mesmo Senhor. Pois tudo o que ele fizesse, o faria como ministro seu e, ajudado pelo seu favor, voltando a florescer, naqueles lugares, a Religião cristã, aumentaria a sua glória. Com a protecção deste santo apóstolo, animado o santo Francisco de Xavier e fortalecido com o alento do céu, acometeu coisas tão grandes e as concluiu como se vê em sua vida. E tudo isto redundava em glória para S. Tomé, a quem tão deveras se encomendava e desejava imitar.

«Muitos séculos mais tarde, numa época em que outra onda de missionários partia para o Oriente, S. Francisco Xavier não só impressionou as velhas e as novas gerações de Jesuítas no Ocidente mas também, por sua vez, ficou surpreendido com a fé que encontrou já implantada no Oriente»⁵.

Onde o santo apóstolo viveu mais tempo, foi na Índia oriental, como província que o Senhor lhe confiara, a fim de lavrá-la, cultivá-la e semeá-la com a semente do céu. Nesta Província, diz Simeão Metafrastes (séc. X? hagiógrafo bizantino e santo ortodoxo), S. Tomé entrou muito humilde e pobre, com cabelos compridos e desgrenhados, rosto amarelo e seco, corpo extenuado que mais parecia sombra que corpo, coberto com veste velha e rota, desse

⁴ "Os nativos - escrevia ele - proclamam-se cristãos e sentem-se orgulhosos disto (...) Eles possuem igrejas, cruzes e santuários iluminados (...) Estas pessoas veneram de modo especial o Apóstolo S. Tomé e acreditam que remontam aos cristãos que ele converteu nessas regiões. Durante a oração, os sacerdotes repetem com frequência: "Aleluia! Aleluia!" e pronunciam esta palavra precisamente como nós (...) Durante a minha permanência na ilha, baptizei muitas crianças, para grande alegria dos seus pais. Com profunda benevolência e uma pressão bem-intencionada, queriam obrigar-me a aceitar os presentes que a sua pobreza lhes permitia oferecer (...) Depois, pediram-me com insistência que permanecesse com eles e prometeram-me que todos, jovens e idosos, teriam sido baptizados, se eu não os abandonasse" (*Epistolae S. Francisci Xaverii*).

⁵ Ignace Moussa I Daoud, cardeal, Disc. no Pontifício Instituto Oriental por ocasião do 1950º aniversário da chegada de S. Tomé na Índia e 450º da morte de São Francisco Xavier (7 de Dezembro de 2002).

modo desprezado aos olhos das gentes, mas rico com o tesouro de Cristo que levava no coração. Começou a pregar-lhes que os deuses que adoravam eram falsos e que havia um só Deus vivo e verdadeiro, criador do céu e da terra e Salvador do género humano, Jesus Cristo, confirmando com numerosos milagres a sua pregação apostólica e convertendo muitos à nossa santa religião. Por isso, os inimigos dela e amigos do culto dos seus falsos deuses, o martirizaram com lanças e mataram. E o santo, livre das misérias desta temporal e breve vida foi gozar a eterna. O seu martírio aconteceu na cidade de Calamina que agora se chama Meliapor, a vinte e um de Dezembro, no ano de Cristo de 75, segundo Onophrius, (Onofre) imperando Vespasiano. Isto é o que se pode assegurar, segundo bons e graves autores (Ribadeneyra).

1. Lugares de culto

Índia, Portugal e Grécia- As pretendidas relíquias do apóstolo da Índia veneravam-se em Meliapor, próximo de Goa, sobre a costa de Coromandel, onde a sua mão, saindo do túmulo, podia decidir a sorte nos procedimentos judiciais.

Visto que Goa era uma colónia portuguesa, o culto do santo passou, naturalmente, para Portugal.

Na diocese do Porto, S. Tomé é patrono de 4 paróquias.

A partir de Meliapor as relíquias de S. Tomé foram transportadas para Edessa, na Ásia Menor e depois para a ilha de Quios.

O corpo deste glorioso apóstolo, diz o martirologio romano, foi trasladado da Índia para a cidade de Edessa, na Mesopotâmia e, daí, foram trazidas as suas preciosas relíquias, para a cidade de Ortona. Sócrates, Sozómeno, Rufino e outros autores graves fazem menção desta trasladação e escrevem que em Edessa se lhe edificou uma solene igreja a que vinham em romaria fiéis de muitas e distantes províncias da cristandade por devoção ao apóstolo. E S. João Crisóstomo acrescenta que tinham em tão grande veneração o sepulcro de S. Tomé, como o dos apóstolos S. Pedro e S. Paulo. E o bispo Equilino refere um milagre que acontecia com um sarmento seco que, em cada ano, punham nas mãos do apóstolo, na véspera da sua festa, e reverdecia no dia, com um cacho de uvas, para admiração de todos, supondo-se que estava em Edessa o corpo do santo apóstolo. De facto, bem pode ser que por se ter edificado uma igreja em Edessa a S. Tomé e ele ter enviado Tadeu, como dissemos, ao rei Abgar e convertido aquela cidade, que o seu santo corpo, estava ali sepultado. Ou, o mais provável, por se ter trazido da Índia para ali, alguma relíquia ou parte do seu corpo.

Itália - Por último teriam enalhado em território italiano, em Ortona (Mare), na costa do Adriático. O dedo que S. Tomé tinha metido na chaga de Cristo conservava-se em Roma, na basílica de Santa Cruz de Jerusalém. A Toscana converteu-se num dos principais centros do culto de S. Tomé, graças à preciosa relíquia do *Cinturão da Virgem* (Sacra Cintola ou Sacro Cingolo)⁶, que a *Virgem da Assunção*, quando subia ao céu, teria deixado cair nas mãos do apóstolo, como prova convincente. A colegiada da pequena cidade de *Prato*, próxima de Florença, fora herdeira desse tesouro.

Conta-se que no século XII, um cidadão de Prato, Michele di Dragomari, que tinha viajado a Jerusalém se casou com uma jovem que lhe ofereceu esse cinturão, como parte do dote. Michele di Dragomari legou a relíquia ao arcepreste da colegiada. E para exhibir o insigne objecto, num ângulo da fachada, foi edificado o célebre púlpito exterior decorado por Donatello.

Além disso S. Tomé foi adoptado como patrono pelas cidades de *Parma* e de *Urbino*.

E não menos o consideram, como tal, os povos da Alemanha, como refere o bispo Guilherme de Lindau, varão doutíssimo. Nessa província há igrejas antiquíssimas

⁶ O *Cinturão Santo* é uma tira fina, de 87 centímetros de comprimento, de lã, cor esverdeada, brocado de fio de ouro.

dedicadas a S. Tomé e, mesmo em regiões mais setentrionais, próximas do pólo norte, sinal do reconhecimento dessas gentes pela pregação que dele receberam.

E, como escreve o Pe. Manuel da Nóbrega, provincial da Companhia de Jesus, até no próprio Brasil há sinais da sua passagem nessa terra, pois que os naturais lho transmitiram e alguns indícios e outros vestígios que o referido Padre diz ter visto com os próprios olhos, o confirmaram.

Os restantes países da Europa mostraram-se menos devotos deste apóstolo céptico. Não obstante, citemos três igrejas singularmente célebres, postas sob sua advocação: S. Tomé de Estrasburgo, cedida para culto luterano que possui o *mausoléu do marechal da Saxónia*, obra de Pigalle; a de S. Tomé, de Toledo, onde se admira el *Enterro do conde de Orgaz*, de El Greco; e a de S. Tomé de Leipzig, vibrante com os ecos das fugas e oratórios de J. S. Bach. A igreja de Santo André, em Colónia, pretendeu possuir a tibia do apóstolo.

Patrocínios

A incredulidade S. Tomé valeu-lhe ser o patrono dos juízes que, pela sua profissão, têm o dever de se mostrar desconfiados e fazer a crítica dos testemunhos. Daí o famoso grupo de Verrocchio, encomendado pela *Università dei Mercanti*, Tribunal de Comercio, para la capela da corporação, na basílica de Or San Michele, em Florença.

Também é o patrono dos *arquitectos*⁷, *pedreiros*, *agrimensores (topógrafos)*, *carpinteiros de obra* e *canteiros*.

Lassus que restaurou a Sainte Chapelle de Paris, fez-se representar nela como S. Tomé, com esquadro.

Era-lhe atribuído a cura de *afecções oculares* porque Cristo lhe curara a cegueira do coração.

ICONOGRAFIA

Os seus atributos característicos são o *Cinturão da Virgem*, um *esquadro* de arquitecto e a *lança*, o instrumento do seu martírio.

A partir do século XVII o *esquadro* foi quase sempre substituído por uma *lança*. S. Tomé converteu-se em santo *doríforo*⁸.

1. Figuras

As imagens isoladas de S. Tomé apóstolo são pouco frequentes. Ao contrário, a título de membro do Colégio apostólico, está representado como um dos doze em todos os ciclos dos apóstolos. Às vezes aparece associado com os seus homónimos, S. Tomás de Aquino e S. Tomás Becket.

Século VI: Tondo em mosaico. Capela do Arcebispado de Ravena. / **Século XIII:** Estátuas na portada oriental da catedral de Bamberg e na colegiada de Wimpfen. / **Século XV:** Hugo van der Goes. Retábulo da Adoração dos Pastores, 1475. Uffizi, Florença. De pé, apoiado na sua lança, patrocina o doador Tomás Portinari. - Giovanni Dalmata. Estátua na catedral de Trogir (Trau), na costa dálmata. / **Século XVI:** Peter Vischer. Estatueta de bronze. Relicário de S. Sebaldo. Nuremberg. - Pierre Mochet. Baixo-relevo de madeira. Espaldar dos assentos do coro da igreja de Notre Dame, em Bourg en Bresse. S. Tomé tem como atributos o cinturão da Virgem e a lança do seu martírio. - Léonard Limousin. Esmalte da serie dos apóstolos. Igreja de Saint Père de Chartres. S. Tomé, caracterizado pelo seu esquadro, com os esboços de Francisco I de Francia. / **Século XVII:** Velázquez. O apóstolo apoia-se sobre uma lança. Museu de Orleans. - Rubens. S. Tomé tem como atributo um esquadro. Museu do Prado, Madrid. -

⁷ É bastante paradoxal, diga-se de passagem, que os architectos tenham escolhido como patrono do seu grémio um colega que abusara da confiança do seu real cliente, dilapidando os fundos destinados à construção de um palácio terreno e não celeste, real e não imaginário. Os que quisessem imitar hoje o seu exemplo arriscavam-se a ser condenados por burla, em vez de ser canonizados.

⁸ N. do T.: Do grego *doriphoros*: o que leva a lança.

Vigier. Tondo de mármore. Igreja de Notre Dame de Versailles. Tem uma lança como atributo. / **Século XVIII**: Pierre Legros. Estátua, 1704. Basílica de S. João de Letrão. Roma. S. Tomé tem como atributo um esquadro e mostra o dedo que meteu na chaga de Cristo. - Philippe Magnier. Estátua de pedra de Tonnerre. 1707. Balaustrada exterior da capela do palácio de Versailles.

2. Ciclos

Século XIII: Vitrais de Bourges, Chartres, Tours e da basílica de Assis.

3. Cenas

As principais cenas da legenda de S. Tomé inspiraram um grande número de obras de arte.

A incredulidade de S. Tomé

Gr.: Psêlaphêsis tou Thoma (O toque de Tomé). It.: L'Incredulità di S. Tommaso, San Tommaso mette un dito nella piaga del costato di Cristo, tocca la piaga di Cristo. Fr.: L'Incrédulité de saint Thomas. Il enfonce son doigt dans la plaie du Christ. Ingl.: The Incredulity (Doubting, Proof) of Thomas. Al.: Der ungläubige Thomas, Die Ungläubigkeit des hl. Thomas, Thomas legt die Hand an die Seitenwunde des Herrn. Hol.: Het Ongeloof van St. Thomas. Rus.: Neverie (Ouverenie) Apostola Fomy.

Na versão mais antiga, Cristo só descobre o peito. A partir do século XIII, toma a mão do apóstolo incrédulo para a afundar na ferida e diz: *Infer digitum tuum huc*. Com o contacto, a ferida reabre e novamente saem dela água e sangue. E conta-se que a mão de Tomé permaneceu avermelhada pelo sangue do seu Mestre, até ao dia da sua morte. S. Tomé é, geralmente, representado *de pé*; mas, às vezes, *se ajoelha* diante do Redentor ressuscitado.

Século X: Placa de marfim. Museu de Berlim. Jesus, de pé sobre um tamborete está que Tomé que se esforça para tocar a ferida do Redentor. / **Século XI**: Mosaico da igreja de S. Lucas em Fócida. / **Século XII**: Baixo-relevo do claustro da igreja de S. Domingos de Silos. - Mosaico de Monreale. / **Século XIII**: Tímpano da igreja de S. Tomé de Estrasburgo. No centro, Cristo guia a mão exploradora de Tomé. De lado, estão sentados S. Pedro e S. João. - Tímpano da portada central da catedral de Estrasburgo. - Baixo-relevo de pedra policromada do antigo trascoro (parte detrás do presbitério). Priorado cluniacense de Bourget au Lac (Saboia). S. Tomé está ajoelhado. - Mosaico da basílica de S. Marcos de Veneza. - Vitral da catedral de Tours. / **Século XIV**: Baixo-relevo do trascoro da basílica de Notre Dame de Paris. - Fresco no transepto da igreja abacial de Westminster, Londres. / **Século XV**: Verrocchio, 1483. Grupo de bronze encomendado pela Mercanzia (Tribunal de Comercio) e não por uma corporação gremial, num nicho exterior da capela de Or San Michele, Florença. - Luca Signorelli. Fresco na sacristia da igreja da Virgem em Loreto. - Cima da Conegliano. Academia Venecia. Quadro encomendado pela confraria dos pedreiros. - Rodrigo de Osona. Retábulo. Museu Provincial, Valencia. / **Século XVI**: Mestre do retábulo de S. Bartolomeu. O santo ajoelhado introduz dois dedos, profundamente, na ferida de Jesus Cristo enquanto o observa com gesto interrogante. Quadro procedente da cartuxa de Colonia. Museu Wallraf Richartz. - Simon de Châlons, 1535. Louvre. - Léonard Limosin. Museu Adrien Dubouché, Limoges. - Vitral. Transepto da igreja de Saint Germain l'Auxerrois. / **Século XVII**: Caravaggio. Original desaparecido cuja melhor cópia se encontra em Postdam. - Guercino. Pinacoteca Vaticana. - Rubens. Museu de Amberes. - Van Dyck. Ermitage, S. Petersburgo. - Hendrik Terbrugghen. Rijksmuseum. Amsterdam. - Rembrandt, 1634. Ermitage, S. Petersburgo. - Louis Finson. Catedral de Saint Sauveur. Aix en Provence. Quadro assinado *Ludovicus Finsonius Belga Brugensis fecit Aquis Sextiis*. - Nicolas Poussin. Quadro gravado por Audran.

S. Tomé recebe o cingulo da Santíssima Virgem

It.: *La Vergine che da la Cintola a San Tommaso*. Fr.: *Saint Thomas reçoit la ceinture de la Vierge montant au ciel*. Ingl.: *The Virgin gives to St. Thomas the Holy Girdle; Thomas catching the Girdle dropped by the Virgin at her Assumption*. Al.: *Die übergabe Gürtels an Thomas; Die Gürtelpende; Der hl. Thomas Maria's Gürtel empfangend*.

É a segunda expressão de incredulidade de «S. Tomé, o incorrigível». Para convencer o apóstolo que duvida tanto da Ressurreição da Virgem como duvidara da de Jesus Cristo, a Virgem deixa cair o seu cinturão do céu. Como esta relíquia se conservava na catedral de Prato, na Toscana⁹, o tema foi adoptado pela escola florentina.

⁹ Prato e Pistoia, como escreveria Mrs. Jameson em *Sacred and Legendary Art*, Londres, 1863, I, pág. 249.

Século XII: Tímpano de mármore da igreja romana de Cabestany, no Roussillon (Pireneus Orientais). De cada lado de Cristo que bendiz, estão a Virgem e S. Tomé que apresenta o cinturão. / **Século XIV:** Agnolo Gaddi. Frescos que ilustram a legenda do Sagrado cingulo da Virgem; 1393. Pieve de Prato. - Orcagna. Baixo-relevo na basílica de Or San Michele, Florença. / **Século XV:** Luca e Andrea della Robbia. Baixo-relevo de terracota esmaltada. Victoria A.M., Londres. - Francesco Granacci. Uffizi, Florença. - Matteo di Giovanni, 1474. Nat. Gall., Londres. - Fra Diamante, Prato. / **Século XVI:** Sodoma. Oratorio de S. Bernardino, 1518; Siena.

S. Tomé apresenta o cingulo aos apóstolos

Fr.: *Saint Thomas montre aux Apôtres la ceinture de la Vierge.* Ingl.: *St. Thomas shows the Holy Belt to the other Apostles.*

S. Tomé esbofeteado pelo mordomo (chefe de mesa)

Fr.: *Saint Thomas est souffleté à la table du roi des Indes par le maître d'hôtel.* Ingl.: *St. Thomas struck by the chief butler who is devoured by a lion.* Al.: *Der Mundschenk gibt ihm eine Ohrfeige.*

Século XIII: Vitral. Catedral de Bourges.

S. Tomé constrói um palácio celeste

It.: *San Tommaso distribuisce ai poveri il tesoro di Gondoforo.* Fr.: *Saint Thomas, architecte du roi, lui construit un palais céleste.* Ingl.: *St. Thomas receiving funds to build a palace and distributing them to the Poor; the King gives his money for the building of a palace.* Al.: *Er verteilt die Schätze des Königs an die Armen.*

O tema foi popularizado pelas corporações de arquitectos e pedreiros e também pelas encenações dos actos sacramentais em que se representam actos *dos Apóstolos*; num deles diz-se «Gondóforo entregou dinheiro a S. Tomé para edificar um palácio», que acabou por resultar mais duradouro que todos os outros da terra, pois que, como a *Cidade de Deus* de santo Agostinho, estava fora do tempo.

Século XII: Passiones Apostolorum. Biblioteca Munich. Um cão atira-se ao chefe de mesa que esbofeteara o apóstolo e arranca-lhe a mão. / **Século XIII:** Vitral da catedral de Bourges doada pela corporação dos canteiros. - Vitral de Chartres. - Tímpano da portada sul da fachada da catedral de Poitiers. O palácio místico, que os anjos transportaram outrora confundira-se com a *Santa Casa* trasladada para Loreto, um tema que apareceu muito tardiamente na iconografia. - Tímpano da portada lateral norte (Porte de Bleds: Porta dos Povoados) da igreja de Notre Dame de Semur em Auxois: 1. O banquete nupcial da filha do rei. A jogralisa acrobática que baila sobre as mãos, recorda a dança de Salomé no Festim de Herodes. Um cão que traz a mão do mestre-sala nas fauces; 2. Tomé recebe de Gondóforo a ordem de edificar um palácio e distribui entre os pobres o dinheiro destinado à construção.

S. Tomé prega o cristianismo na Índia

Fr.: *Saint Thomas prêche le christianisme aux Indes.*

Século XIII: Vitral. Catedral de Bourges. / **Século XV:** Miniatura do Livro das Maravilhas. B.N., Paris.

S. Tomé consagra bispos os Três Reis Magos

Século XIV: Pintura do trascoro. Catedral de Colonia.

O martírio de S. Tomé

Ingl.: *The Martyrdom of Thomas.* Fr.: *Le Martyre de saint Thomas.*

Os sacerdotes hindus dão cabo dele com golpes de lança.

Século XI: Menológico de Basílio. Biblioteca Vaticana. Os verdugos hindus, que deveriam ter pele cor de cobre, estão representados como negros. / **Século XII:** Passionário de Stuttgart. O sacerdote do deus Sol agarra-o pela barba e crava-lhe uma espada no ventre. / **Século XIII:** Vitral de Bourges. / **Século XV:** Holbein, o Velho. Museu Germânico, Nuremberg. / **Século XVI:** Lucas Cranach. Gravado. - B. van Orley. Retábulo dos Apóstolos, 1510. Museu Viena.

Flos sanctorum, Pedro de Ribadeneira, Tomo III, pag. 617-621, 1790

Iconografia del arte cristiano, Louis Réau, Tomo 2, Vol. 5, pag 269-275, ed. Del Serbal, 1998

Les Saints, Répères iconographiques, Guides des Arts, Hazan 2002

Disc. Cardeal Ignace Moussa I Daoud no encontro promovido pelo Pont. Instituto Oriental, no 1950º aniversário da chegada de S. Tomé na Índia e 450º da morte de São Francisco Xavier (7 de Dezembro de 2002)

Tradução / adaptação M A